



**BRUNO GAUDÊNCIO**

ORGANIZADOR

# TORTURAS DE AMOR

CONTOS DE AUTORES  
NORDESTINOS BASEADOS EM  
**CLÁSSICOS DA MÚSICA BREGA**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Os autores

IMAGEM DA CAPA: © Depositphotos

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G266t GAUDÊNCIO, Bruno 1985 –.  
Torturas de amor / Bruno Gaudêncio (org.) – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2019.

130 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-519-5

1. Contos I. Título.

CDD: B869.1

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# CANÇÕES E FICÇÕES BREGAS? UMA BREVE APRESENTAÇÃO

— Bruno Gaudêncio

*Torturas de Amor: contos de autores nordestinos baseados em clássicos da música brega* é uma coletânea de narrativas curtas dedicadas a um estilo musical que até hoje é sinônimo de mau gosto. No auge de sua repercussão, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980, havia por parte das gravadoras uma visão do qual eram denominados os chamados *artistas de prestígio* e *artistas comerciais*. Em muitos casos as vendas do segundo grupo bancavam as experimentações estéticas do primeiro.

No primeiro grupo estavam os chamados medalhões da Música Popular Brasileira (MPB), a exemplo de Chico Buarque de Holanda, Elis Regina, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Milton Nascimento. No segundo grupo, artistas populares, como Evaldo Braga, Waldick Soriano, Odair José, Lindomar Castilho, entre outros. E são justamente as algumas canções compostas e gravadas por este segundo grupo, chamados de bregas, que inspiraram alguns dos principais contistas nordestinos dos últimos tempos, no arranjo desta coletânea inédita de contos.

Mas, o que seria realmente uma música brega? O nome, na verdade, carrega em si um rótulo de preconceitos, não só sociais

como também estéticos. Os dicionários, como o Houaiss e o Aurélio, são claros na definição e nos sinônimos da terminologia: *cafona, mau gosto, sem refinamento*. Puxando mais para a música, seriam *canções consideradas menores e risíveis, sem valor cultural*. Procuramos vencer tais preconceitos, em uma linha de contato com recentes estudos que evidenciaram os valores e os significados destes artistas e canções, como as pesquisas do jornalista e historiador Paulo César de Araújo, autor do livro *Eu não sou Cachorro Não*.

Segundo o jornalista e pesquisador Gonçalo Jr, autor da biografia de Evaldo Braga, chamada *Eu não sou lixo*, o brega “surgiu na segunda metade da década de 1960, na época em que a população ainda fazia a transição do meio rural para o urbano. Com isso, o mercado fonográfico viu surgir novo tipo de público, com gosto para canções de raiz, principalmente sertanejos, e músicas de temáticas exageradamente românticas em suas letras, arranjos e modo de cantar”.

Aparecia desta forma, um público diferenciado, em que gravadoras procuraram investir de maneira intensa, a procura de nomes que poderiam chegar ao sucesso, aos lares das camadas sociais mais pobres e humildes do Brasil. Odair José chama estes cantores e compositores de *cronistas dos simples*, que compõem canções do dia a dia, feitas para pessoas de gestos humildes e despojadas de preconceitos. Uma visão idealizada é verdade, mas que expressa bem os valores destes cantores e compositores, bem como do seu público.

Paulo César de Araújo numa mesma linha, assim caracteriza estes cantores e compositores: “Produziram uma obra musical que, embora considerada tosca, vulgar, ingênua e atrasada, constituiu-se em um corpo documental de grande importância, já que se refere a segmentos da população brasileira historicamente relegada ao silêncio”.

Nos últimos anos o brega passou por uma inegável mudança de olhar, chegando ao patamar de *cults*, como bem enfatizou o jornalista Antônio Carlos Cabrera, autor do *Almanaque da Música Brega*: “O brega tornou-se mais aceito e transformou-se definitivamente e um estilo musical palatável e bem humorado”.

Assim, a inspiração para esta coletânea foi o que chamamos *clássicos da música brega nacional*. Canções reconhecidas do grande público, que bateram recordes de vendas, que conseguiram ficar durante meses ou anos na lista das mais tocadas do rádio. Foram escolhidas inicialmente quarenta canções, as mais representativas de autores como Odair José, Amado Batista, Diana, Reginaldo Rossi, Almir Rogério, José Ribeiro, Carlos André, Evaldo Braga, Waldick Soriano, Lindomar Castilho, Genival Santos, Márcio Greych, e tantos outros, todos eles considerados dos principais interpretes do estilo musical entre os anos 1970 e 1980, no Brasil e especial, do Nordeste.

Em seguida escolhi quinze ficcionistas nascidos nos nove estados do Nordeste. A grande maioria autores premiados nacionalmente, jovens e reconhecidos em seus respectivos estados, no gênero da ficção. Destes, doze aceitaram participar do projeto, que constam na fase final dessa seleção. São eles: Adrienne Myrtes, André Balaio, Astier Basílio, Bráulio Tavares, Bruno Azêvedo, Débora Ferraz, Joana Belarmino, Kátia Borges, Ricardo Kelmer Roberto Menezes, Tiago Germano e Vanessa Trajano, que respetivamente escolheram as canções: *Eu vou tirar você deste lugar* (gravado por Odair José), *Fusão preto* (gravado por Almir José), *A Beleza da Rosa* (gravado de José Ribeiro), *Se meu amor não chegar* (de Carlos André), *Garçom* (gravado por Reginaldo Rossi), *Tortura de Amor* (gravado por Waldick Soriano), *A Cruz que carrego* (gravado por Evaldo Braga), *Você é doida demais* (Lindomar Castilho), *Eu não sou brinquedo* (Genival Santos), *É impossível acreditar*

*que eu perdi você* (Márcio Greych), *Eu não sou cachorro não* (Waldick Soriano) e *Entre espumas* (Roberto Muller).

Das canções escolhidas, privilegiaram-se aquelas letras melodramáticas sobre frustrações ou abandono amoroso, no qual em especial um cantor se destacou: o baiano Waldick Soriano, escolhido por dois participantes convidados da coletânea. Optamos então para nomear o título desta obra de *Torturas de Amor*, uma homenagem daquele que simbolizou como nenhum outro o estilo musical aqui evidenciado. Waldick Soriano, ex-caminhoneiro semialfabetizado, conquistou reconhecimento na música brasileira. Ao título de uma de suas canções escolhida, *Tortura de Amor*, acrescentamos um “s”, para simbolizar a diversidade destes encontros e desencontros amorosos, tão presentes nas narrativas aqui coletadas.

Fica ao leitor uma amostra da qualificada ficção nordestina contemporânea, – inspirada em canções de refrãos atraentes, com histórias dramáticas, em outros momentos românticas e muitas vezes cômicas, que fizeram a cabeça e o coração de boa parte do público brasileiro nas décadas de 1970 e 1980. Canções e contos que registraram sonhos, angústias, trajetórias, protestos, dores, amores e visões do mundo, de um Brasil profundo surgido na consolidação de uma cultura de massa no contexto de expansão da indústria fonográfica.

Campina Grande, Paraíba,  
27 de fevereiro de 2019.

# PAULA KLEE NÃO CURTE ODAIR

— *Adrienne Myrtes*

Mulher é tudo igual, de igualdade sufocante. Vez por outra a gente cisma com uma. Única. E aí só ela nos faz respirar. É assim que é.

Estou habituado a ouvir conversa maluca, fico aqui no boteco, o boteco fica no centrão e a freguesia costuma beber para não se afogar em mágoas.

Mágoas são águas profundas, escuras, quem submerge não retorna. São um triângulo das bermudas, um cabo das tormentas a dar cabo da dignidade; e essa cerveja está me pondo comovido como o diabo. Fato é que peguei afeição pelo sujeito e por sua contradição.

A primeira vez foi por curiosidade, o Mendes me deu a letra de que Paula tinha ciência no metier. O safado foi cliente dela muito tempo; desconfio que continue sendo. Fez comentários de provocar água na boca e eu, lógico, quis experimentar. O preço era puxado mas pareceu valer a pena o investimento. Quem vai botar preço no prazer?

Reparei que o outro, fosse por respeito, compaixão ou estratégia, mantinha-se em silêncio, simulando a escuta. Havia

também a possibilidade dele estar bêbado até a medula e, por isso, indiferente, em mundo próprio.

E não é que a diaba sabe das coisas? Eu me viciiei no paraíso privado onde só ela sabe me levar. Minha vida virou o inferno, passei a orbitar em torno dos nossos momentos juntos. Pra esse giro precisava de capital extra, né? Paula Klee é um condomínio fechado com vista para o mar, não é mulher de aceitar mixaria, ou você tem cacife pra bancar o jogo ou desocupa a vaga. Acredita que passei a me empenhar com maior energia no trabalho? Bati metas e recordes de vendas, ganhei uma equipe pra gerenciar e tudo. Tudo isso pra quê? Manter meu vício: um metro e setenta de vício com as pernas mais lindas que já vi. E ando por aí olhando, viu? Gosto de apreciar a mulherada, se calha oportunidade: chamo de canto.

Do canto direito da mesa observei que o amigo apenas piscava, não desenhava no rosto reação à história; eu sim, estava interessado, coleciono histórias dos frequentadores. Paula Klee, protagonista de mais de uma.

Vou dizer pra você que ela é puta. Puta. Vamos dar nome à manada. Essa conversinha de garota de programa pra elas se sentirem melhor, pensarem que são iguais a todo mundo, nunca colou comigo. Garotas de programa, no meu tempo, eram a Xuxa, a Angélica, Eliana e até a Mara Maravilha que hoje é serva do senhor. Amém. Paula Klee é puta e exerce o ofício com gosto e talento nato. É proativa, domina a logística da cama, oferece serviços extras ao solicitado. Agrega valor ao que faz. Tudo negociado na base dos adicionais ao preço original, é preciso esclarecer. Fato é que as coisas foram claras entre nós desde o início, sem firulas, sem floreios. Paula se encaixou com perfeição nos meus princípios: homem é homem, mulher é mulher e puta é puta; o resto é perfumaria. E o cheiro dela, meu amigo, o cheiro dela.



Daí desandou a chorar. Pense. Deu pena ver baita pedaço de homem grande soluçando, os ombros indo e vindo, sem emitir som. Pegou guardanapos e passou pela cara, o papel barato, impermeável, espalhando a água dos olhos. Fungou o nariz em outro maço, limpou a boca miúda que desabrochava na carantonha branca lembrando uma flor rosada, amassou e amontoou tudo no cemitério de ossos do frango à passarinho recém devorado. Enfiou a mão no bolso e uma caixinha recoberta de veludo preto caminhou por ela até a mesa. De dentro da caixa surgiu um brilhante tímido, ainda assim um brilhante e nessa hora temi por sua segurança quando saísse bêbado do bar.

Foi, eu comprei um brilhante, uma porra de um brilhante pra pedir a puta em casamento. O que mais ela pode querer da vida? Eu tenho dinheiro, não sou rico, mas vendo bem, posso vender mais, prometi conforto, fazer dela uma mulher respeitável. É mais que qualquer um faria. Fazer o quê? Estou doente por ela, arriado de amor, febril. E ela fez o quê? Riu. Aberta e descaradamente riu das minhas intenções. Eu não preciso de macho nenhum pra validar quem sou. Foi o que me disse, acredita? Eu não preciso de macho nenhum pra validar quem sou. Sou mulher o suficiente pra fazer isso sozinha. Acrescentou. Estou aqui prestando serviços, preciso sobreviver e pagar a faculdade. Quando me formar mudo de ramo, rumo pra outro lugar. Não confunda, o que temos aqui é um contrato de trabalho, qualquer tentativa de cruzar essa linha é assédio. Pois veja até onde a puta chegou: me acusou de assédio; quando eu abria meu coração, dava a ela oportunidade de casamento, família, cartão de crédito com amplo limite. Olhe que estou à frente das vendas de um grande empreendimento, coisa fina, investimento com rentabilidade garantida. Trago aqui, inclusive, uns folders que posso deixar com você, é só me procurar lá stand de vendas, tenho descontos

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2019.

---